

EDITORIAL

CARTAS PEDAGÓGICAS COMO INSTRUMENTO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DE RESISTÊNCIA

Fernanda dos Santos Paulo¹

Venho estudando e pesquisando o tema das “Cartas Pedagógicas” há alguns anos. Foi com Carlos Rodrigues Brandão e com Paulo Freire que conheci cartas escritas a lápis, a caneta, a máquina de escrever, cheias de rascunhos, simbologias, de sonhos, de anseios, desejos e projetos.

Quando li as oito Cartas de estudantes do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, do Campus Universitário do Araguaia, escritas sob orientação do professor Odorico Ferreira Cardoso Neto e da professora Maria Claudino da Silva, recordei uma correspondência de Brandão, endereçada a mim, a qual dizia: “escrevíamos entre nós muitas cartas, em tempos anteriores ao xerox, ao computador e à internet. [...] E cartas de Paulo Freire acabaram se convertendo em livros: *Cartas à Guiné Bissau*, *Cartas aos coordenadores de círculos de cultura de São Tomé e Príncipe*, *Cartas a Cristina* e, depois, *Pedagogia da Correspondência*”. Vejam que o que diz Brandão para mim tem aproximações com o conteúdo deste dossiê, intitulado como: PAULO FREIRE: A EDUCAÇÃO, AS CARTAS PEDAGÓGICAS E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV no Curso de Letras (semestre 2020/2), Edição Especial da Revista Panorâmica.

Nos últimos anos, tenho buscado recuperar a história da Educação Popular a partir de Cartas Pedagógicas, em especial do Educador Carlos Rodrigues Brandão. Nelas, apresento contribuições para a Pedagogia Latino-americana. É exatamente aí que encontro convergências entre as minhas pesquisas, a Educação Popular e as Cartas Pedagógicas que compõem esta obra. O Centenário de Paulo Freire (2021) contou com inúmeras atividades, entre elas seminários, cursos, oficinas, encontros, produção de teatro, música, artigos e livros.

¹Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos, Bolsista Capes - Proex. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Bolsista CNPq. Especialista em Educação Popular: Gestão de Movimentos Sociais pelo Brava Gente e Instituto IVOTI. Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Metodista/IPA. Curso Normal em nível médio (Magistério). Participa como membro da coordenação do Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos do Rio Grande do Sul (FEJARS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8022-9379>. E-mail: fernandaeja@yahoo.com.br.

No caso da produção científica que tenho em mãos, ela resulta do processo de avaliação continuada da disciplina Estágio Supervisionado IV, ministrada pelos Professores Odorico e Maria Claudino e a bolsista voluntária Valéria Vasconcelos. As cartas foram elaboradas em duplas, a partir da experiência da realização da Regência, num contexto de pandemia, tratando do entrecruzamento do ato de ser professor(a) e levando em consideração a teorização que ajuda na prática do uso da língua, do texto, das interfaces com a literatura, com o gênero e/ou gêneros textuais.

Neste dossiê, localizamos reflexões teórico-práticas, por meio de Cartas Pedagógicas, que simbolizam o respeito ao legado de Paulo Freire e sua reinvenção.

Reinvenção e criatividade são conceitos caros da Educação Popular freiriana, presentes nas obras de Paulo Freire. Desde a sua tese, intitulada como “Educação e atualidade brasileira”, de 1959, até “Pedagogia da autonomia” (1996), último livro publicado em vida, o educador faz uso desses conceitos. Segundo o pensamento de Paulo Freire, toda educação é um ato político; assim sendo, a reinvenção e a criticidade exigem tomada de decisão, como nos dizem Freire e Horton: “[...] não há criatividade sem ruptura, sem um rompimento com o passado, sem um conflito no qual é preciso tomar uma decisão. Eu diria que não há existência humana sem ruptura.” (2005, p. 62).

Importa ressaltar que, ao longo das Cartas Pedagógicas, a preocupação das autoras é a de apresentar uma epistemologia da práxis, cuja dimensão da socialização das experiências nos convoca a produzir conhecimentos para humanização. Educação que liberta e humaniza parte de ações concretas, criativas, críticas, engajadas, transformadoras, pois é assim que alimentamos, cotidianamente, a nossa práxis. Escrever Cartas Pedagógicas é um processo de libertação em relação às formas históricas de produção do conhecimento. É uma possibilidade de Libertação frente à opressão imposta pela universidade e escola colonial, bancária e instrumental.

Diante dessa constatação e da leitura que realizei das Cartas Pedagógicas, convido os leitores e as leitoras a mergulharem nos textos que retratam a práxis político-pedagógica de educadores e educadoras freirianas. Para o acompanhamento das investigações, análises, reflexões e encaminhamentos, apresento uma síntese dos textos escritos, com a centralidade do tema das Cartas Pedagógicas, conforme segue:

A Carta Pedagógica de **Laide Lizzi** nos convida a refletir sobre o modelo de educação colonial e a necessidade de uma educação indígena freiriana. A autora apresenta suas reflexões a partir de obras de Paulo Freire e de suas experiências na docência com

comunidades indígenas. Um conceito latente, nessa Carta Pedagógica, é o respeito às múltiplas experiências e saberes culturais.

O texto de Laide me reportou a uma publicação de Paulo Freire acerca da educação indígena, cujo documento data do ano de 1982 e denomina-se “Um diálogo com Paulo Freire sobre educação indígena²”. Nesse texto, Freire destaca o seguinte acerca da educação que não respeita as diferentes culturas: “Se percebe exatamente, em tudo e em todos, essa presença e essa garra de um governo imperialista, colonialista, de dominação no sentido de esmigalhar a identidade cultural do povo, do grupo, de classe dominada [...]”. As reflexões de Paulo Freire estão alinhadas ao depoimento de Laide, educadora que luta por uma educação indígena humanizadora, libertadora e dialógica.

Lidiane Bastos Silva, por sua vez, expõe reflexões a partir de sua compreensão de docência e de aluna do Curso de Letras. A autora recorda sua relação com as Cartas desde muito jovem, e escreve um texto que propõe reflexões sobre os nossos projetos de vida, relacionando-os à nossa escolha profissional. As orientações epistemológicas que embasam a proposta têm por base a dimensão estética, presente em várias obras de Paulo Freire, em especial na “Pedagogia da autonomia”, em que a intuição, a emoção, a alegria, o prazer, a boniteza, a amorosidade, a indignação e o sonho são saberes necessários à prática educativa de docentes que buscam reinventar Paulo Freire a partir de suas experiências educativas. Essa Carta Pedagógica retoma o contexto da Pandemia de Covid-19 e das aulas na universidade, pontuando as situações-limite, percebidas criticamente, e buscando superá-las através de memórias vivas de educadores/as que passaram pela sua vida e de novos sonhos, que emergiam da Pandemia da Covid-19.

Já **Maria Claudino da Silva**, professora reflexiva, traz significativa contribuição ao pensar sobre o conceito de educação e de ser e estar docente. A autora rememora sua infância com sua mãe, suas aprendizagens e seus afetos. Destaca que as aprendizagens advindas da educação familiar foram momentos de alegria, criatividade, curiosidade, ousadia e descontração.

O seu relato apresenta experiências educativas, vivenciadas tanto na escola quanto fora dela, compartilhando com os leitores e leitoras como iniciou a sua trajetória docente. Um texto com aporte teórico crítico que nos apresenta reflexões de Maria Lúcia Carvalho Vasconcelos e de Freire acerca dos saberes da formação docente na educação básica e na

² Conferir o documento em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/2463>.

educação superior. A partir desse contexto, compreende a educação como ato de conhecimento e de transformação social. Se coloca como educadora-educanda, situando que o diálogo e a escuta são saberes necessários à prática docente. Essa Carta Pedagógica é uma verdadeira aula de reflexão sobre a profissão docente, recorrendo à pedagogia da sua experiência inacabada e às pedagogias de autores como Paulo Freire, Donald Schön e Carlos R. Brandão.

A Carta Pedagógica de **Odorico Ferreira Cardoso Neto** inicia-se com reflexões sobre o que é uma Carta. É uma Carta Pedagógica para Paulo Freire que contextualiza a realidade política, pedagógica e econômica do país nos últimos anos. Apresenta as situações-limite contemporâneas e as resistências contra as políticas neoliberais. Expõe a realidade da pandemia pelo Covid 19 e do governo Bolsonaro, enfatizando o contexto da educação.

Diante das reflexões teóricas contextualizadas, relata duas experiências de resistências políticas, as quais foram: Atividades de Comemoração do Centenário de Paulo Freire, por meio de encontros virtuais. e o Projeto de Extensão “Educação em tempos de pandemia: contribuições das ciências humanas e sociais”. Essas experiências trabalharam com o pensamento educacional de Paulo Freire, resultando em Rodas de Diálogos e produção de um dossiê temático. Essa Carta Pedagógica retoma e reforça a Pedagogia freiriana enquanto educação libertadora, a qual continua sendo uma luta esperançosa e política por um mundo humanizado.

Aquiles Vidal Costa apresenta uma Carta Pedagógica com o propósito de refletir sobre a morte. Escreve as percepções da morte em nossa vida e a necessidade sobre educar para a morte. Uma carta com postura profética e estética, com reflexões políticas sobre contextos de mortes. Importante que o texto de Aquiles nos remete à morte trabalhada por Paulo Freire, ao entendê-la como desumanização no contexto de opressão. Para a classe dominante, a ciência necrófila “Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida” (FREIRE, 2007, p. 74). Na obra “Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis”, Freire, em sua nona carta, denominada “A morte de meu pai: a dor e o vazio por sua perda”, reflete sobre como recebe a notícia da morte de seu pai e o impacto em sua vida. Em suas palavras: “Nunca tinha visto ninguém morrer, mas tinha a certeza, ali, de que meu pai estava morrendo. Uma sensação de pânico misturado com saudade antecipada, um vazio enorme, uma dor indizível tomaram meu ser e eu me senti perdido.” (FREIRE, 2020, p. 128). Freire relata sobre as aprendizagens advindas da morte de seu pai. Fala de um sentido de morte. Mas há outros sentidos, como descritos na carta de Aquiles.

Então, diante das diferentes compreensões de morte, Aquiles reforça “que a morte de que falo não é aquela autoinfligida, nem aquela que faz parte de missões ou aquela cuja lógica atenta o curso natural da morte. Se caso tenho me parecido nisso, peço, com humildade, que o caríssimo releia minha carta, se atentando ao que eu digo sobre o ante-morte”. É uma Carta Pedagógica Convite a nos educarmos até a morte.

Liliane Alves Madureira Ribeiro e Wellen Saldanha nos brindam com uma Carta Pedagógica que versa sobre “Relato das aulas no período pandêmico”. As autoras retomam o contexto pandêmico na área da educação, em especial com crianças dos anos iniciais da Educação Básica. Descrevem suas experiências com discentes, familiares e colegas. Também situam os leitores e leitoras sobre uso das ferramentas tecnológicas e os anseios de utilização delas, assim como pormenorizam suas rotinas pedagógicas, apresentando a importância do planejamento pedagógico que considere e respeite as diferentes realidades dos estudantes. Identificam na sua carta conceitos de Paulo Freire, caros a suas realidades de trabalho, tais como: classe social, diversidade cultural, diálogo, escuta e alfabetização contextualizada. Assim como a pedagogia freiriana compreende a alfabetização, as autoras também coadunam com essa acepção, trazendo reflexões a partir da Pedagogia do Oprimido. Segundo Paulo Freire:

Não me interessava apenas que alfabetizando aprendesse de cor a ler ou a juntar pedaços de sílabas para depois constituir palavras e ler com dificuldade, escrever um bilhete etc. O que me interessava era juntar as duas leituras básicas: a leitura do mundo e a leitura da palavra. E aí está toda a força política de uma proposta como esta³.

Por fim, as autoras relatam sobre educação em tempos pandêmicos: “que não foi fácil, mas tanto professores, estudantes e pais se adaptaram, construíram uma nova ponte, a fim de vencer a pandemia e constituir um possível “novo normal” que integre realidade, sonho, esperança, outro mundo possível, empatia pedagógica, social, educacional, cultural, vivencial.”.

A Carta de Pedagógica de **Rayssa Alves de Oliveira e Valéria Oliveira Vasconcelos** trata sobre “A importância do letramento literário na formação do leitor reflexivo: uma conversa com Ariano Suassuna”. As autoras escrevem para Ariano Suassuna, recordam algumas experiências do educador e contextualizam os tempos atuais no Brasil, como a fome, o desemprego, a pandemia de Covid-19, o cenário da educação no atual governo (Bolsonaro).

³ Encontros com Paulo Freire, em 1976. Conteúdo disponibilizado em: <http://localhost:8080/xmlui/handle/7891/12>. Acesso em: 15 fev. 2022.

Referem-se ao novo Ensino Médio, em que a “literatura passa a não ser obrigatória”, e outras dificuldades no campo da educação. Criticam a “visão muito deturpada da literatura e uma grande mecanização no processo de ensino dessa disciplina”, trazendo a necessidade de um ensino para a formação cidadã. As autoras trazem importantes contribuições, na medida em que discutem sobre a importância da literatura crítica enquanto contribuição na construção de práticas de educação reflexiva, interdisciplinar e de recuperação da nossa história. É uma Carta Pedagógica que pode e deve ser socializada nos processos de formação docente, e trabalhada com estudantes.

Por fim, a Carta Pedagógica de **Weides Conceição de Oliveira Lima**, intitulada como “Nunca desistam dos seus sonhos, mesmo que eles pareçam impossíveis”. A autora nos apresenta a recuperação de suas experiências educativas, recordando pessoas que acompanharam sua trajetória. Narra a sua história de menina, que sonhava em ser professora. A sua experiência como filha, aluna e professora contribui para que possamos refletir e investigar as relações entre nossas experiências pessoais e os processos de formação docente, a partir das nossas múltiplas memórias, histórias e práticas educativas.

Essa Carta nos remete aos conceitos de educação integral, de educação humanizadora e de educação libertadora, de Paulo Freire. É um texto que nos ajuda a compreender a constituição histórica da formação de professoras (mulheres) no Brasil, e suas implicações na educação e na vida em sua totalidade. Importante que a experiência relatada por **Weides** nos traz o quanto projetos de extensão universitária para a classe popular são necessários e significativos, trazendo contribuições para a formação acadêmica e profissional. A exposição da autora auxilia nas formulações teóricas sobre que formações de professores e professoras podem contribuir para a construção de uma escola que supere a racionalidade instrumental e tecnicista da educação. Para suas reflexões, toma o livro “Pedagogia da Autonomia” como referência.

Apresentei as oito Cartas Pedagógicas, as quais expressam o compromisso com a formação de educadores e educadoras críticas. Desejo que esses trabalhos possam contribuir e provocar novas discussões sobre Educação Popular freiriana, como apontam Streck e Adams (2017) quando discorrem sobre a perspectiva crítica, libertadora, desde a ótica do Sul. Para eles, estas

[...] ontêmplam a dimensão individual e coletiva, na construção de alternativas locais, articuladas à contribuição de transformações que atinjam toda a sociedade. Isso exige um novo olhar para o horizonte transformador de cada prática social e de cada pesquisa, em que conceitos como cidadania e emancipação, entre outros, precisam ser ressignificados desde o contexto contraditório do mundo globalizado

permeado pelas amarras da colonialidade do poder, do ser, do saber e da natureza (STRECK; ADAMS, 2017, p.42).

A socialização das reflexões em forma de cartas, que são pedagógicas, me faz afirmar que as Cartas Pedagógicas são instrumento político-pedagógico de resistência, compondo uma importante ferramenta educativa na efetivação da função ética e social da produção do conhecimento.

Referências

COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da Correspondência: Paulo Freire e a educação por cartas e livros**. Brasília: Liber Livro, 2011.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais**. República de São Tomé e Príncipe: Ministério de Educação e Desportos, São Tomé, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P.; HORTON. **O caminho se faz caminhando: Conversas sobre educação e mudança social**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: UNESP, 2020.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo – um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

STRECK, Danilo; ADAMS, Telmo. **Mediações Pedagógicas e pesquisa: registros de práticas e construções participativas**. In: ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo R.; MORETTI, Cheron Z. **Pesquisa-Educação: mediações para a transformação social**. Curitiba: Appris, 2017.